

Latino-américa em estado puro, parceiros e convidados coruscantes

Gosto de falar que Cantares é um disco de quem ama canções, de quem gosta do violão, gosta de estar junto e tocar, gosta de “mostrar” a música recém feita: é um disco de violeiros! Com a simples juntada de parceiros, de letra e música, de levadas de ritmos, com a roda de viola rodando, vai-se compondo um buquê de poesia e emoção, na base do prazer de tocar, de aprender novas manhas, de desafiar os mistérios da criação.

Assim se fará com alguns papéis soltos que me deram os uruguaios Washington Benavidez e Eduardo Darnauchans nos anos 1980, plenos de poesia, filosofia e andamentos, que musiquei e agora entorno aqui com o prazer de nomeá-los: “*Tumbado en el universo*”, “*Ventanitas*” e “*Fuerza de laManzana*”. Também de um rascunho rabiscado que entreguei a Pery Souza, nasceu “Formão”, quase uma declaração de princípios existenciais. Associando lembranças de temas medievais com a musicalidade de Toti Soler, com sua maneira linda de tocar e fazer respirar a música, escrevi “Alpargata e violão”, logo suavemente gravada por ele em catalão como “*Esperdenya i guitarra*”.

Uma fitinha cassete recuperada, com a gravação de um festival no Uruguay, me permite colocar com carinho a voz de meu amigo e parceiro Cao Trein, com sua “Água” fronteiriça. Por primeira vez em doze discos, gravo canções que não tem minha autoria, no caso em dose dupla, pois “Espelho de Ibraquera” de Paulo Loew me seduziu desde a primeira audição à beira da lagoa, a própria. Ambas cantigas da água, do cais, do sonho longínquo, da religiosidade popular. Minha primeira parceria com um cidadão preso está nestes Cantares, graças à poesia de Toni Guerrero, patriota cubano que a pouco foi libertado nos Estados Unidos.

Nunca gostei de poesia “política”, mas sempre gostei de arte engajada nas realidades sociais e espirituais, seguindo as vertentes de Sergio Ricardo, Violeta Parra, Chico Buarque, Ramon Ayala, León Gieco, Silvio Rodrigues. Transpira nestes “Cantares” o eterno sentimento de protesto, na dolorida e solidaria “Canção do desaparecido”, na pungente e amorosa “Soledad solidão”, na saudosa “Amor prisioneiro”, na irônica “*I love Belém*”, na otimista “Um tango moderno” com seu bordão “Nunca mais! ”. No capítulo poético também se destilam com sutileza as alusões de Atilio da Cunha e minhas, numa troca “automática” de poemas.

Cecilia Pahl, com seu fraseado original brotado do chão *misionero*, realça o suspiro da amada à espera do enamorado em “*Amor prisioneiro*”. Homenageado direto de “*Un balcón colonial*”, renova o cubano Vicente Feliú suas andanças “cantautorais” bem

dentro do clima de violeiros. Igual a seu conterrâneo Pepe Ordás, cuidadoso ao dizer o clima angustiado da letra de Darnauchans. Concertista erudito, Daniel Wolff trouxe muita expressividade e alta técnica para dar um clima algo *flamenco* no tema de Benavidez, onde também se destaca a percussão de Luiz Jakka. Assim vai-se completando o leque sonoro e amistoso dos Cantares, nas vozes e instrumentos de Everson Vargas, Leandro Nunes, Joca Przyczynski, Fausto Prado, Pery Souza.

Produzido sem prazo nem método durante três anos, numa topografia azarosa que triangula entre Montevideú, Havana e Barcelona, padecerá Cantares de certa desprolixidade, quanto a som, gravação, salas, formação instrumental, equalização. Músicos e técnicos se esforçaram para suprir minhas deficiências, às quais credito os erros. Felizmente as aquarelas de Ignácio de Lucca iluminam todos os Cantares e ajudam a melhora-los.